

## UM ESTUDO SOBRE A PERCEÇÃO DOS ADOLESCENTES ACERCA DA SEXUALIDADE

Thaylâne Creusa Rogério Silva<sup>1</sup>; Marília Lais Rosalvo Lins Silva<sup>2</sup>; Betânia Maria Oliveira de Amorim<sup>3</sup>

<sup>1</sup> Graduanda em Psicologia na Universidade Federal de Campina Grande - [thay.rogerio@gmail.com](mailto:thay.rogerio@gmail.com)

<sup>2</sup> Graduanda em Psicologia na Universidade Federal de Campina Grande - [marilialais.ml@gmail.com](mailto:marilialais.ml@gmail.com)

<sup>3</sup> Docente da Universidade Federal de Campina Grande - [betania\\_maria@yahoo.com.br](mailto:betania_maria@yahoo.com.br)

**RESUMO:** O presente artigo tem a finalidade de discutir as questões relacionadas a sexualidade na adolescência, tomando como referência uma atividade de extensão realizada com os alunos do Terceiro Ano do Ensino Médio de uma escola da rede estadual de ensino, localizada na cidade de Campina Grande-PB. Por meio desta, buscamos discutir aspectos inerentes a sexualidade buscando desconstruir concepções arraigadas, historicamente construídas a respeito da sexualidade. Tendo em vista que ainda persistem muitos tabus sobre a sexualidade, a inserção desta temática no contexto escolar passa por grandes enfrentamentos, principalmente pela educação sexual ser associada a prioritariamente a biologia e a incitação ao sexo. Além disso, percebe-se que no universo escolar há pouco espaço para esta discussão, sobretudo devido os professores se esquivarem desta tarefa. Por esta razão, por meio da atividade mencionada, identificamos que os adolescentes apresentam forte interesse em expressar seus medos, angústias e dúvidas em relação a sexualidade, o que vem demonstrar a importância desta discussão no âmbito escolar. O trabalho realizado ocorreu em Agosto de 2017, utilizando uma adaptação da Matriz S.W.O.T, também denominada de análise F.O.F.A. com o objetivo de apreender os principais temas relacionados à sexualidade presentes no grupo. Foram identificados quatro eixos temáticos, a saber: Medos, Vontades, Discriminação e Desafios. Observamos que os adolescentes apresentam forte interesse para discutir aspectos relacionados a sexualidade pois não encontram na família e na escola o respaldo necessário para direcionar suas angústias e inquietações. Durante a realização do trabalho, verificamos que a inserção das discussões sobre a sexualidade no ambiente escolar pode possibilitar mudanças e desconstruir concepções equivocadas acerca da sexualidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Escola; Sexualidade; Adolescência.

### INTRODUÇÃO:

A discussão acerca de questões relacionadas a sexualidade sempre foi e ainda permanece polêmica, eivada de tabus e preconceitos, responsável por comportamentos repressivos e moralistas, tornando-se desse modo, um assunto delicado em várias instâncias sociais, entre as quais a escola. De acordo com Furlani (2009) mitos e tabus da sexualidade humana, são originados de acordo com a sociedade e sua cultura, assim como também estão ligados a (des)informações carregadas de estereótipos, preconceito e discriminação, a partir de uma construção sócio histórica, que influenciam nas práticas e costumes atuais.

Nesse sentido, observamos na sociedade atual que a mídia e os meios de comunicação determinam padrões de comportamento e concepções acerca da sexualidade, “normalizam” e ditam verdades sobre a sexualidade por meio das variações linguísticas, das manifestações artístico-

culturais, dos fetiches da moda, da construção das noções de masculino e feminino, tomando como referência o modelo heteronormativo, entre outros. Assim, como nos diz Foucault (1993) acompanhamos ao longo dos tempos uma crescente tagarelice sexual.

Esta situação é intrigante, sobretudo no Brasil, pois

[...] num país tão marcado pelos temas da sexualidade, expostos em piadas, em manifestações de gracejo, em fotos que colorem as bancas de revistas, nas danças dos programas de televisão, nas imagens comerciais cada vez mais gigantescas dos *outdoors* das grandes avenidas ou, mais recentemente, na rede internetica, o sexo seja tão pouco problematizado. Ou, antes, que apenas recentemente venha sendo apontado como questão pública fundamental (RAGO, 199, p.9).

É curioso perceber que, apesar dos avanços e mudanças sociais, a discussão sobre a sexualidade ainda seja negligenciada nos mais diversos espaços, entre estes a escola, pois, cada vez mais esta instância tem sido convocada a enfrentar as transformações das práticas sexuais contemporâneas, principalmente da adolescência, uma vez que seus efeitos se fazem alardear no cotidiano escolar.

A este respeito citamos a Pesquisa Nacional sobre Estudantes LGBTs e o Ambiente Escolar realizada entre dezembro de 2015 e março de 2016, da qual participaram 1.016 estudantes com idades entre 13 e 21 anos. Conforme o referido documento, observa-se no ambiente escolar várias formas de violência contra os estudantes LGBT as quais produzem sequelas tais como o baixo desempenho escolar, faltas e desistências, além de depressão e o sentimento de abandono.

De acordo com Bock (2007) a adolescência é uma construção social que repercute na subjetividade e no desenvolvimento do homem moderno. Para esta autora, a adolescência é vivenciada de diferentes formas, apesar dos aspectos biológicos, visto que, está relacionada a cultura e ao momento histórico. Desse modo, não existe um modelo universal para designar este período de desenvolvimento o que nos leva a pensar neste termo de modo plural.

Assim como a adolescência a sexualidade também é plural. No âmbito social, indiscutivelmente, a sexualidade sempre foi um assunto polêmico, eivado de tabus e preconceitos, responsável por comportamentos repressivos e moralistas, tornando-se desse modo, um assunto delicado em várias instâncias sociais, entre as quais a escola. A abordagem da sexualidade na escola envolve questões como a ética, a moral, a religião, os tabus, as relações de poder e de gênero, identidades e práticas sociais. Estes elementos historicamente vem sendo refletidos na prática pedagógica, de forma oculta ou explícita, por meio dos conteúdos das disciplinas, dos livros didáticos, da postura do professor. De outra forma, tanto pelo silêncio, quanto pelo debate aberto, os professores através de suas falas, atitudes e gestos, veiculam concepções sobre a sexualidade, o que

os torna atores sociais responsáveis pela produção e veiculação de conceitos, símbolos, juízos e imagens que estão vinculados à sexualidade.

Desse modo, a escola tem o papel fundamental de “normatização” e “naturalização” dos papéis sociais. Ela tem esse “poder” de reproduzir discursos criando mentes e corpos escolarizados. Em outras palavras,

a escola delimita espaços. Servindo-se de símbolos e códigos, ela afirma o que cada um pode (ou não pode) fazer, ela separa e institui. Informa o "lugar" dos pequenos e dos grandes, dos meninos e das meninas. Através de seus quadros, crucifixos, santas ou esculturas, aponta aqueles/as que deverão ser modelos e permite, também, que os sujeitos se reconheçam (ou não) nesses modelos. O prédio escolar informa a todos/as sua razão de existir. Suas marcas, seus símbolos e arranjos arquitetônicos "fazem sentido", instituem múltiplos sentidos, constituem distintos sujeitos (Louro, 1997, p.56).

A escola, por exemplo, constrói seus discursos e argumentos embasados na heterossexualidade, portanto, o que foge a essa norma é negado ou silenciado. Dessa forma muitas vezes, a homossexualidade, assim como outras expressões de identidade de gênero é tida como desviante, e vista com certo medo ou repulsa o que nos leva a pensar que a ampliação da discussão sobre a sexualidade dentro e fora da escola é de extrema importância.

Na nossa compreensão, promover a educação sexual nas escolas é uma questão de respeito aos direitos humanos e também de saúde pública. Significa abordar além dos aspectos biológicos (as possíveis consequências de relações sexuais sem prevenção como a gravidez indesejada e a aquisição de doenças sexualmente transmissíveis) as questões ligadas ao gênero, enfrentamento à violência contra a mulher, identidade, sentimentos, comunicação, família, diversidade sexual e sexualidade.

De acordo com Amorim (2012), a sexualidade é uma temática que interessa a alunos e professores e mobiliza a busca de conhecimentos por parte dos adolescentes. Todavia, ainda é encarada por estes como uma questão polêmica, que possui significados diversos em função da perspectiva que se tome como referência. A sexualidade mobiliza valores, crenças, questões éticas, aspectos de ordem moral, suscitando preconceitos e dificuldades para abordá-la no espaço escolar. Nunes e Silva (2000), apresentam duas tipologias metafóricas que ilustram com grande propriedade, aquilo que se processa nas atitudes dos professores ao abordarem a sexualidade na escola: a “pedagogia do bombeiro” e a “pedagogia do avestruz”. A “pedagogia do bombeiro” é aquela intervenção cujo propósito é, supostamente, “apagar focos de incêndio” no que se refere a manifestação e a curiosidade sexual dos alunos. A “pedagogia do avestruz.” simboliza a atitude de “fingir que não vê”, enterrando a cabeça na areia do dia-a-dia, esquivando-se do debate da questão.

Sendo assim, presumimos que os adolescentes/alunos recorrem a vários meios de comunicação, em especial, a internet e a televisão, na busca de conhecimentos e esclarecimentos a respeito do tema.

A sexualidade está imersa no campo das crenças, cultura, valores, comportamento, imaginação e ideologia, logo, não podemos separá-la da mídia, uma vez que, esta age diretamente na vida dos sujeitos, através da televisão, internet, músicas, entre outros meios de comunicação.

A mídia dissemina ideias aparentemente inócuas, levando os jovens a seguirem padrões, como por exemplo, a moda ou participar de ditaduras de beleza. Além disso, estudos como os de Afonso (2001), Fischer (2005) e Carvalho (2011), demonstram que os meios de comunicação podem influenciar no desenvolvimento sexual dos adolescentes, por seu amplo alcance em relação à disseminação de determinantes culturais, nomeiam, determinam e classificam comportamentos que são apreendidos pelos sujeitos.

Estes autores ainda apontam a influência que os meios de comunicação podem trazer sérias implicações na vida sexual dos adolescentes, uma vez que, dada sua amplitude, ao mesmo tempo em que informam, os veículos midiáticos constituem sujeitos através de seus discursos, ideologias, interesses e valores.

No nosso entender, nos anos que se sucedem a década de 90, até os dias atuais, a adolescência pode ser caracterizada, entre outros, pelo apego as mídias digitais, a internet e a todas as formas de relação, hábitos e comportamentos que daí emergem. Desse modo, entendemos que vivemos sob a égide da sociedade do espetáculo. A este respeito Debord (1998), assinala que o adolescente está inserido numa *sociedade do espetáculo*, em que a mídia vem tornando-se poderosa pelo gigantismo das imagens. Hoje os jovens não precisam necessariamente mais ler, pensar ou refletir, basta ver e comprar, tornando-se seres apenas expectadores, em que o parecer é mais importante que o ser, em que a visibilidade se estandardiza e ganha proporções gigantescas em detrimento da dizibilidade. É nesse contexto do aparente, do revelado, do espetacular, do simulacro e da fantasmagoria que o adolescente atual vive sua sexualidade em meio às referências que invadem seu imaginário através das práticas e dos discursos oferecidos, por exemplo, pela mídia.

Desse modo, partimos do princípio que, ao mesmo tempo em que os veículos midiáticos transmitem informações direcionadas ao público adolescente, sobre questões relativas à sexualidade, estão constituindo sujeitos através dos seus discursos, suas ideologias, seus interesses e valores. Por esta razão, é importante questionar: quais as concepções dos adolescentes sobre a sexualidade?

## **METODOLOGIA**

Utilizamos como instrumento de coleta de dados um questionário sócio-demográfico com o objetivo de caracterizar os sujeitos e uma adaptação da Análise S.W.O.T. também denominada análise F.O.F.A. Este procedimento é uma ferramenta estrutural da administração, utilizada na análise do ambiente interno e externo, com a finalidade de formulação de estratégias da empresa. Esta análise possibilita identificarmos as Forças, Fraquezas, Oportunidades e Ameaças internas para a empresa. A adaptação que realizamos da F.O.F.A. consistiu na divisão da turma em 4 grupos, para que os mesmos analisassem os medos, vontades, discriminações e desafios, relacionados a vivência da sexualidade; os grupos tiveram 15 minutos para desenvolver a atividade e colocar em cartolinas os termos que associaram, em seguida cada grupo apresentou para o restante da turma a sua produção, pontuando as considerações e abrindo espaço para as dos demais.

Além destes instrumentos de coleta, utilizamos a observação e o Diário de campo como estratégias complementares para compreendermos o universo pesquisado.

## **RESULTADOS E DISCUSSÕES**

A amostra foi constituída por 31 adolescentes dos quais 15 do sexo masculino e 16 do sexo feminino com uma variação etária entre 16 e 20 anos. A partir da sistematização dos dados correspondentes a matriz F.O.F.A. propomos a adoção de quatro eixos temáticos, conforme descrito a seguir.

QUADRO 1 – Síntese dos dados correspondentes a adaptação da F.O.F.A.

MEDOS	VONTADES	DISCRIMINAÇÃO	DESAFIOS
<p>Não ser aceito; Infidelidade; Perder alguém; Medo do futuro; Insegurança; Das críticas; Violência; Gravidez precoce; Constrangimento; Ser mulher; Ser pai; Gravidez precoce; Brochar; Não casar na igreja; Doenças; Gravidez indesejada; Abuso sexual; Exploração; Violência; Homossexualidade; Estéril.</p>	<p>Ser feliz; Ser livre pra qualquer escolha; Viajar; Ser independente; Dormir; Vida matrimonial; Ser feliz; Igualdade; Solidariedade; Respeito; Ter uma “família”; Arrumar uma namorada; Dinheiro; Não casar na igreja; Liberdade; De ser aceita mesmo sem concordar com a sociedade; Ser pai; Família; Casar; Ser mãe.</p>	<p>Homofobia; Hipocrisia; Preconceito racial; Xenofobia; Julgar sem conhecer; Não respeitar; Estética; Machismo; Feminismo; Homofobia; Heterofobia; Preconceito com os LGBT’s; Opção sexual; Gravidez precoce; Prostituição.</p>	<p>Contar pra mãe; Se descobrir; Viver na sociedade; Se aceitar; Não se aceitar; Ser livre; Enfrentar os desafios; Lidar com as diferenças; Respeitar a orientação sexual; Ser aceito na sociedade; Igualdade; Ser aceito pela sociedade; Respeito; Apoio familiar; Ser mãe.</p>

A partir das temáticas levantadas com a técnica aplicada da F.O.F.A. percebemos que as questões pontuadas pelos adolescentes estão interligadas nos 4 eixos temáticos abordados, ou seja, aquilo que é apresentado como medo e discriminação é apresentado como um caminho de possível solução nas vontades e desafios.

A questão da homoafetividade e seus atravessamentos, como a falta de respeito e de apoio familiar estão presentes e demonstram uma compreensão maior dos adolescentes a respeito do direito do outro e da necessidade de respeitar as diferenças. A linguagem institui e demarca os lugares dos gêneros, da mesma forma que é difícil perceber o que é explícito pela fala, é mais complexo perceber o que é não dito, a exemplo da homossexualidade que é silenciada no contexto



escolar, mesmo estando presente nas pessoas que fazem parte da escola, ao não se falar, se tem uma ideia de controle sobre. Bem como o fortalecimento elaborado pelos livros didáticos e paradidáticos, que representam a sexualidade sempre de forma binária e branca, colocando o negro em segundo plano, em situações inferiores e subordinadas. (LOURO, 2003)

No contexto escolar a inserção da temática da sexualidade é sempre ligada ao biologicismo, como a questão da reprodução e dos órgãos sexuais, no entanto, a gravidez aparece como um tema emergente no grupo, apontado pelas mulheres e pelos homens, tanto no eixo dos medos como nos dos desafios. Assim é possível questionar sobre a informação que circula nos mais variados meios de comunicação, assim como também na escola. Mediante tanto acesso as informações, curiosamente observamos a incidência de altos índices de gravidez precoce. Tal fato pode ser atribuído ao modo como as informações são veiculadas ao enfatizarem a necessidade da prevenção, desconsiderando outros aspectos. É interessante perceber a pouca atenção dada as Doenças Sexualmente Transmissíveis o que vem sinalizar uma despreocupação com uma questão de saúde de significativa importância.

A aceitação aparece como um tema atravessado por tantos outros, e permeado pela questão do medo de ser aquilo que se é diante da sociedade e o desejo de ser aceito, pois como sabemos a violência é expressa na sociedade das mais variadas formas, nos discursos, atitudes, e até no silenciamento. Diante de tantas questões que envolvem a homofobia, machismo, e tantos casos de violência, o grupo pesquisado apresenta uma demanda do desejo de ser livre para as suas escolhas, de ser aceito da forma como se expressam, sem estereótipos e preconceito.

Diante disso, é visível que as questões abordadas pelos adolescentes poderiam ser discutidas no contexto das disciplinas obrigatórias da escola, pois os mesmos apresentam em suas falas ao decorrer do encontro uma associação entre o que é trabalhado no projeto e o contexto histórico com aquilo que estudam nas disciplinas. No entanto, os professores em função de várias dificuldades, negligenciam esta discussão.

## **CONCLUSÃO**

Pensando em todas as questões que envolvem a temática da sexualidade, é perceptível que a inserção das discussões sobre a mesma no ambiente escolar possibilita mudanças, pois a escola é compreendida como um lugar de construção de saberes, e indo nessa direção, com o supracitado projeto, visa-se o diálogo, que permite que todos os indivíduos se posicionem e não apenas recebam informações.

Possibilitar então, espaços como o proposto pelo projeto é fazer como que os adolescentes exponham e reflitam sobre seus medos, vontades, emoções; é criar um espaço de diálogo que supere o modelo binário já presente no contexto escolar, e mais que isso, é permitir que a proposta se estenda aos professores e as famílias, tendo em vista que é os mesmos têm um referencial formado para os adolescentes.

E é partir dos resultados obtidos na análise que podemos perceber que as temáticas mais escolhidas pelos alunos também se relacionam ao seu contexto social, a sua faixa etária, como também as suas preferências. Sendo assim o grupo trabalhado escolheram temáticas que foram mencionados repetidas vezes, nesse sentido construímos um diálogo de acordo com suas preferências, como também pelas suas sugestões. Logo, ao estudarmos essas temáticas percebemos os valores culturais que esse grupo carrega, como também, diz sobre o contexto e a realidade em que se encontram. Portanto, as temáticas não apenas diz sobre que assuntos que eles querem conduzir nas aulas, mas fala sobre a formação sociocultural desse grupo.

## REFERÊNCIAS

AFONSO, Maria Lúcia Miranda. **A polêmica sobre adolescência e sexualidade**. Belo Horizonte: Campo Social, 2001.

AMORIM, Betânia Maria Oliveira de. Sexualidade e Mídia na formação docente. 2012. 232 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa – PB, 2012.

BOCK, Ana Mercês Bahia. A adolescência como construção social: Estudo sobre livros destinados a pais e educadores. *Psicol. Esc. Educ. Impr.*) v.11 n.1 Campinas Jan./June 2007.

CARVALHO, Paulo Roberto. Mídia e sexualidade. **Athenea Digital**, n. 17, p. 217-225, mar. 2010. Disponível em: <http://psicologiasocial.uab.es/athenea/index.php/atheneaDigital/article/view/662>. Acesso em: 12 jan. 2011.

DEBORD, Guy. **A Sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1998.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Mídia e juventude: experiências do público e do privado na cultura. **Caderno Cedes**, Campinas, v. 25, n. 65, jan./abr. 2005.

FURLANI, Jimena. *Mitos e Tabus da Sexualidade Humana: subsídios ao trabalho em educação sexual* – 3. ed., Belo Horizonte: Autentica, 2009.

LIMA, Junia Dias de. O Despertar da Sexualidade na Adolescência. In: PEREIRA, José Leopídio; et al. (Org.) *Sexualidade na adolescência no novo milênio*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Pró-reitoria de Extensão, 2007. p. 15-25.

LOURO, Guacira Lopes. A construção escolar das diferenças. In: \_\_\_\_\_. *Gênero, sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. 6.ed. São Paulo: Vozes, 2003, p. 57 – 87

LOURO, Guacira Lopes. Sexualidade: Lições da escola. In: MEYER, Dagmar E. E. (org.) *saúde, sexualidade e gênero na educação de jovens*. Porto: Mediação, 2012, p.93-112.

NUNES, César Aparecido; SILVA, Edna. **A educação sexual da criança**: subsídios teóricos e propostas práticas para uma abordagem da sexualidade para além da transversalidade. Campinas: Autores associados, 2000.

OLIVEIRA, D. L. de. Sexo e Saúde na escola: isso não é coisa de médico: In: MEYER, D. E. E. (Org.) *Saúde, sexualidade e gênero na educação de jovens*. Porto Alegre: Mediação, 2012, p.103-112.

RAGO, Margareth. **Sexualidade(s) e infâncias(s)**: a sexualidade como um tema transversal. Prefácio de Ana Maria Faccioli de Camargo e Cláudia Ribeiro. São Paulo: Moderna, 1999.